



**DIRETRIZES DA AÇÃO  
EVANGELIZADORA DA  
ARQUIDIOCESE DE  
MONTES CLAROS:  
POR COMUNIDADES  
ECLESIAIS MISSIONÁRIAS  
A SERVIÇO DO EVANGELHO  
DA VIDA (2021-2024)**

**“ONDE DOIS OU MAIS ESTIVEREM  
REUNIDOS EM MEU NOME,  
ALI ESTOU EU NO MEIO DELES.”**  
(Mt 18,20)





**DIRETRIZES DA  
AÇÃO EVANGELIZADORA  
DA ARQUIDIOCESE  
DE MONTES CLAROS:**

por Comunidades Eclesiais  
Missionárias a serviço do  
Evangelho da Vida  
(2021-2024)

*Onde dois ou mais estiverem  
reunidos em meu nome,  
ali estou eu no meio deles  
(Mt 18,20).*





## Objetivo Geral

EVANGELIZAR no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em *comunidades eclesiais missionárias*, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude (Objetivo Geral - DGAE 2019-2023 - CNBB).





## SUMÁRIO

<b>Siglas</b> .....	07
<b>Apresentação</b> .....	09
<b>Parte I - Reunidos em teu nome</b> .....	13
<i>Senhor Jesus Cristo, prometeste estar em nosso meio quando reunidos em teu nome</i> .....	13
<i>Junto com teu Pai manda o Santo Espírito sobre tua Igreja presente na Arquidiocese de Montes Claros</i> .....	16
<b>Parte II - Com a luz de tua palavra</b> .....	29
<i>Ilumina com a luz de tua Palavra os caminhos da IV Assembleia Arquidiocesana de Pastoral</i> .....	29
<i>Dá-nos a graça de viver em comunidades eclesiais missionárias a serviço do Evangelho da vida e do Reino de teu Pai</i> .....	31
<b>Parte III - Ágeis para a missão</b> .....	37
<i>Torna ágeis nossos pés para a missão e abre nossas mãos para a caridade</i> .....	37
Pilar da Palavra .....	39
Prioridade e ações .....	41
Pilar do Pão .....	42

Prioridade e ações .....	43
Pilar da Caridade .....	44
Prioridade e ações .....	46
Pilar da Ação Missionária .....	47
Prioridade e ações .....	49
<b>Parte IV - Com Maria, Mãe da Igreja</b> .....	<b>51</b>
<i>Com tua Mãe Maria, Mãe da Igreja, inspira-nos palavras proféticas que ajudem a construir em nossas cidades a cultura do encontro, da paz e da fraternidade</i> .....	51



## LISTA DE SIGLAS

AG - *Ad Gentes*

AL - *Amoris Laetitia*

CIC - *Codex Iuris Canonici*

ChV - *Christus Vivit*

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAP - Documento de Aparecida

DCE - *Deus Caritas Est*

DGAE - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora

DAEIMMC - Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja

Missionária de Montes Claros

DP - Documento de Puebla

EG - *Evangelii Gaudium*

FT - *Fratelli Tutti*

LG - *Lumen Gentium*

PD - *Carta Placuit Deo*

PDP - Planejamento Diocesano de Pastoral

VD - *Verbum Domini*





## APRESENTAÇÃO

Gratidão é o sentimento que trago no coração ao apresentar o texto das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Montes Claros para o quadriênio 2021-2024. Experimentei ao longo de todo o processo da IV Assembleia Arquidiocesana de Pastoral como é bom trabalhar na sinodalidade. Primeiro entre os membros da comissão organizadora e suas equipes. Depois, com um número muito grande dos membros de nossa Igreja que abraçou a proposta da Assembleia e, não obstante a pandemia, esmerou-se na participação e no compromisso de fazer nossa Igreja ser mais acolhedora, participativa, missionária, servidora e samaritana.

Tivemos de ser criativos para nos adaptar ao possível diante das restrições sanitárias impostas pela pandemia. Logo os esforços de muitos mostraram que o ritmo precisava ralentar, mas não parar. Estendemos o prazo para não deixar ninguém para trás. E conseguimos abrir espaço para todos, por meio das assembleias presenciais ou virtuais das comunidades, paróquias, foranias e organismos eclesiais. Houve boa participação na pesquisa realizada em 2020. A etapa arquidiocesana foi realizada em sábados subsequentes e por grupos de foranias. A votação final das Diretrizes coube ao Conselho Arquidiocesano de Pastoral, no dia 4 de setembro de 2021. Em suas mãos está o texto final das



Diretrizes.

Está patente que optamos pela comunhão com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, Documento 109, dos Bispos do Brasil, que indica os quatro pilares da evangelização: a Palavra, o Pão, a Caridade e a Missão. Agora, inicia-se um caminho novo, mas tão importante quanto o trilhado até aqui. É hora de trabalhar pela recepção das Diretrizes em todas as instâncias da Arquidiocese. E, para isso, contamos com o empenho de todos os agentes evangelizadores: ministros ordenados, consagrados e consagradas, leigos e leigas. É imperioso dedicar os meses finais de 2021 a receber as Diretrizes, estudá-las e fazer o planejamento de cada instância pastoral em sintonia com elas. É preciso trabalhar com as prioridades e ações definidas, sem descuidar do texto no seu conjunto, incluídas as suas inspirações teológicas e pastorais.

O Conselho Arquidiocesano de Pastoral – CONARPA – está encarregado de apresentar até o fim do corrente ano a revisão das normas para criação e atuação dos conselhos de pastoral e de administração das comunidades e das paróquias. Esse trabalho será de grande utilidade para fortalecer a ação evangelizadora em todas as comunidades da Arquidiocese, à luz das atuais Diretrizes. Sabemos que a falta ou o não funcionamento dos conselhos enfraquece a ação evangelizadora. Por isso, deixo registrado meu apelo para que todas as comunidades conheçam as Diretrizes e



organizem e façam funcionar os seus respectivos conselhos.

Confio à Maria, Mãe da Igreja e a São Pio X a evangelização na Igreja Particular de Montes Claros. Alimento cada dia o sonho de uma Igreja de Comunidades Eclesiais Missionárias a serviço do Evangelho da Vida, pois creio na promessa de Nosso Senhor Jesus Cristo: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18, 20).

Montes Claros, 14 de setembro de 2021.  
*Festa da Exaltação da Santa Cruz*

+ *João Justino de Medeiros Silva*  
*Arcebispo Metropolitano*





## PARTE I

# REUNIDOS EM TEU NOME



*Senhor Jesus Cristo, prometeste estar em nosso meio  
quando reunidos em teu nome*

1. A Trindade é a fonte da vida e do amor, que sustenta, dá forma e movimento à comunidade Igreja. Jesus Cristo, o missionário do Pai, é quem nos insere nesse mistério de vida e amor que é o próprio Deus. Esse mistério se expressa, também, como movimento de cuidado que as Pessoas Trinitárias, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, têm uma para com as outras. O cuidado é a expressão do amor que leva cada uma delas a sair de si e ir ao encontro das outras. Jesus, amor de Deus comunicado aos homens (cf. Jo 3,16), revela-nos como é a Vida de Deus, modelo para nossas comunidades. Ele fez isso assumindo a realidade humana a partir da encarnação.

2. Iluminam-nos as palavras do apóstolo Paulo: *para mim, de fato, o viver é Cristo* (Fl 1,21). Somente quando estamos próximos a Jesus nossos corações ardem como outrora arderam os corações dos discípulos que estavam a caminho de Emaús (cf. Lc 24,31). A comunidade cristã é chamada, assim, a renovar sempre seu encontro com Jesus. É no encontro com Ele que alcançamos o perdão dos pecados.

*Reconhecendo Jesus como Deus visível a nossos olhos, aprendemos a amar nele a divindade que não vemos (Prefácio do Natal do Senhor I). Vencendo a morte, Jesus Ressuscitado permanece em meio à comunidade reunida.*

3. O Senhor, ao criar o ser humano, se comunica a ele soprando-lhe seu Espírito de Vida. É Ele quem dá o primeiro passo em direção à humanidade. Jesus, Palavra enviada ao mundo e conduzido pelo Espírito Santo, continuamente chama a humanidade à comunhão com Deus. Assim, a fé é, ao mesmo tempo, graça concedida por Deus e resposta humana a esse dom. Ao Deus que fala, os homens e mulheres respondem com a obediência da fé, isto é, a escuta atenta da Palavra, que ilumina um estilo de vida segundo o Evangelho. Cada experiência com a pessoa de Jesus, e a conseqüente resposta em adesão a Ele, é individual. É uma experiência pessoal do amor de Deus. *A experiência desse amor gratuito e transformador gera fraternidade que se concretiza em comunidades de fé, nas quais a vida, com suas alegrias e dores, é partilhada (DGAE 2019-2023, n.17).*

4. As comunidades de fé nascem a partir do diálogo-experiência entre Deus e as pessoas. Elas são lugares da manifestação da resposta a Deus e da vivência de Sua vida, a partir do cuidado de uns para com os outros no amor. A Igreja é, então, lugar da escuta, da adesão e da vivência de nossa vocação primeira, que é sermos *imagem e semelhança* de Deus (cf. Gn 1,26). *Em virtude de termos sido criados à imagem e*



*semelhança de Deus, que é comunhão e comunicação-de-Si, trazemos sempre no coração a nostalgia de viver em comunhão, de pertencer a uma comunidade* (Papa Francisco, Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicação Sociais).

5. Nesse sentido, compreendemos a Arquidiocese de Montes Claros como lugar do encontro com o Senhor e do diálogo da fé. Também aqui, neste chão, o Filho de Deus armou sua tenda para habitar entre nós. E como só se vive cristãmente em comunidade, neste sertão norte-mineiro, o Senhor, que vem, encontra luzes acesas de uma comunidade que o espera ansiosamente. A Arquidiocese de Montes Claros é fruto da semente da fé que aqui foi plantada e no coração do Norte de Minas amadurece. Nela temos lugar propício para o efetivo testemunho de uma *Igreja pobre para os pobres* (EG, n.198), em que os cristãos, como Jesus, vão às periferias e nelas irradiam as luzes da misericórdia. É bem verdade o que afirmaram os bispos na Conferência de Medellín (1968) quando disseram que *Cristo, nosso Salvador, não só amou aos pobres, mas também, "sendo rico se fez pobre", viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens*. Antes de lançar nossos olhares para o futuro é preciso trazer ao coração o percurso missionário da fé desta porção do povo de Deus no Norte de Minas.

*Junto com teu Pai manda o Santo Espírito sobre tua Igreja presente na Arquidiocese de Montes Claros*

6. O discípulo missionário de Jesus Cristo é aquele que tem olhos atentos e sabe ver os sinais da ação de Deus na história. Nesse sentido, olhamos para a nossa Igreja Arquidiocesana como resposta ativa de tantos leigos, religiosos, diáconos, presbíteros e bispos à Palavra que convoca: reúne em comunidade e envia. Aqui, *o Evangelho foi acolhido, gerou comunidades de fé e uma Igreja local nasceu como resposta à convocação do Senhor*. Caminhamos, juntos, à luz da fé, sendo a Igreja do testemunho, do serviço e da profecia. *Nessa história perpassa a ação do Espírito Santo, protagonista da Evangelização, e a ação dos inúmeros “cooperadores de Deus”* (1Cor 3,9).

7. Os bispos e arcebispos de Montes Claros sempre estiveram em profunda sintonia com o sucessor de Pedro. Destaca-se a incansável obra de Dom José Alves Trindade (1956-1988), membro participante do Concílio Vaticano II, que se dedicou à recepção e implementação dos ensinamentos conciliares. Seu zelo pastoral se revelou, entre tantos outros gestos, na convocação da I Assembleia Diocesana de Pastoral, em 1967. Acentua-se, também, a diligente obra de Dom Geraldo Majela de Castro, O.Praem (1988-2005), e seu zelo na aplicação das diretrizes do Vaticano II. A convocação e realização da III Assembleia

Diocesana, em 1990, exemplifica esse zelo. Em continuidade, Dom José Alberto Moura, CSS (2005-2018) consolidou esse caminho sinodal ao presidir a segunda e a terceira Assembleias Arquidiocesanas de Pastoral.

8. Nossos bispos evidenciaram, assim, o espírito de sinodalidade, hoje insistentemente recordado pelo Papa Francisco: *Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14,17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2,7) (Discurso por ocasião da Comemoração dos 50 Anos da Instituição do Sínodo dos Bispos). Nesse espírito, realizaram-se cinco assembleias diocesanas (1967, 1980, 1990, 1994 e 2000) e três arquidiocesanas (2004, 2011 e 2015).*

9. O Papa Francisco nos despertou para sermos uma *Igreja em saída*, verdadeiramente missionária. Foi nesse intuito que a III Assembleia Arquidiocesana de Pastoral (2015) traçou seu itinerário de Evangelização, tendo como tema: *Igreja Missionária, Comunidade de Comunidades, vivendo a Boa Nova do Evangelho* e lema: *Como Maria, somos missionários na alegria de servir*. A última AAP se debruçou sobre a necessidade do resgate da consciência missionária. Ela propôs como objetivo: *Evangelizar, como discípulos missionários, partindo de Jesus Cristo, em comunhão eclesial, como*



*Igreja profética e Misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, tendo coragem de superar a atitude de conservação pastoral para o empenho transformador e “em saída” em busca dos afastados, com espírito de evangélica opção preferencial pelos pobres e inclusão social para que todos tenham vida, visando ao Reino definitivo (DAEIMMC 2015-2019).*

10. Como Igreja que reconhece a sua natureza missionária, deu-se início ao processo intitulado *Reorganizar para melhor servir*, com o intuito de reorganizar o atendimento das comunidades rurais, para que todas as paróquias da Arquidiocese assumissem algumas dessas comunidades. Havia, também, a necessidade de reorganizar o atendimento de algumas comunidades urbanas na sede Arquidiocesana. Atualmente, a Arquidiocese conta com 68 paróquias e quase-paróquias, distribuídas em 40 municípios, num território que totaliza 45.520 km<sup>2</sup>.

11. A Arquidiocese tem centenas de comunidades urbanas e rurais vinculadas às 68 paróquias. A pesquisa *Nossas Paróquias* evidenciou que, neste território, somam-se mais de mil e cem comunidades, das quais mais de 75% estão na zona rural de nossas paróquias. Várias dessas comunidades celebram com regularidade a Eucaristia dominical. Outras, na ausência do presbítero, celebram a Palavra com a distribuição, ou não, da Santa Comunhão, sob a presidência de diáconos ou de ministros leigos. Alegra-nos a iniciativa do Papa Francisco que estendeu o ministério do



leitorado e do acolitado às mulheres<sup>1</sup> e instituiu o ministério do catequista<sup>2</sup>. Isso manifesta como os ministérios instituídos e confiados pela Igreja têm como fundamento a condição de batizados e o sacerdócio comum dos fiéis recebido no Sacramento do Batismo (cf. Carta Apostólica sob forma de Motu Próprio *Spiritus Domini*).

12. Destaca-se, na Arquidiocese, um laicato que assume consciente sua fé: atua na catequese, na evangelização, nos organismos e ministérios da Igreja, se dá de corpo e alma ao esforço de unir fé e vida para a transformação social, conforme os critérios do Evangelho. Acompanha a caminhada da Igreja, seguindo orientações dela. Nas Comunidades, Paróquias, Movimentos, Pastorais, Organismos, Comunidades Religiosas e Comunidades de Vida e Aliança, leigos e leigas são incansáveis em ser Igreja viva, como discípulos missionários<sup>3</sup>. Nisso se vê o comprometimento, na resposta ao chamado de edificação do Reino, mesmo em meio aos desafios que a realidade plural de nossa Igreja Particular nos apresenta. Além do serviço às comunidades eclesiais, o laicato norte-mineiro tem consciência de que o lugar em que é chamado a *impregnar o mundo com o espírito de Cristo* (cf. LG 36-38) é exatamente nos

---

<sup>1</sup> Cf. Motu proprio *Spiritus Domini*.

<sup>2</sup> Cf. Motu proprio *Antiquum Ministerium*.

<sup>3</sup> A pesquisa “nossas paróquias” revelou milhares de leigos e leigas que assumem ministérios nas comunidades.



seus lugares de atuação na sociedade, sendo sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-16).

13. Para atender à porção do povo de Deus aqui reunida, a Arquidiocese conta com ministros ordenados (presbíteros e diáconos) diocesanos e religiosos. No auxílio à evangelização, conta com a presença de 19 congregações e ordens religiosas, sendo 07 masculinas e 12 femininas<sup>4</sup>. Há, também, a presença de 11 novas comunidades de vida e aliança. A grande diversidade de manifestações vocacionais em nosso território arquidiocesano reflete a fidelidade à escuta da Palavra, à oração e à experiência da vida fraterna de nossas comunidades, pois, como afirmou o Papa Francisco, *a vocação brota do coração de Deus e germina na terra boa do povo fiel, na experiência do amor fraterno* (51º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, 2014). Por isso, é importante acentuar a necessidade da consolidação de uma cultura vocacional em que todos se sintam seduzidos pelo Senhor (cf. Jr 20,7) e impelidos a anunciar seu amor misericordioso aos irmãos, nos mais diversos estados de

---

<sup>4</sup> Na data de 14.09.2021, a Arquidiocese contava um clero de 02 bispos (o arcebispo metropolitano e o arcebispo emérito), 97 presbíteros diocesanos incardinados: 89 em atividade na Arquidiocese, 1 em estudos no exterior, 2 em missão fora do país, 1 em ano sabático, 1 em experiência na vida religiosa, 2 na Capelania Militar, 1 suspenso de ordem. Somavam-se, ainda, 36 presbíteros religiosos; 06 diáconos diocesanos transitórios; 01 diácono transitório religioso; 41 diáconos permanentes. Também atuam na Arquidiocese 87 religiosas.

vida.

14. Partindo do princípio de dinamização da evangelização, e animados pela indicação do Código de Direito Canônico, que diz que *para promover o cuidado pastoral mediante ação comum, diversas paróquias mais próximas podem unir-se em entidades especiais, como os vicariatos forâneos* (cân. 374, §2), a Arquidiocese foi, ao término do ano de 2019, reorganizada em 11 foranias, sendo 05 na cidade de Montes Claros e 06 no interior da Arquidiocese. A experiência anterior, dos Setores de Pastoral, há de ser valorizada em seus aspectos positivos e incrementada a partir do apelo a caminhar juntos (*sinodalidade*). Além disso, foram criados, a partir da antiga Coordenação Arquidiocesana de Pastoral, dois Vicariatos Episcopais: um para Ação Pastoral e outro para Ação Social, com o objetivo de otimizar o acompanhamento da ação evangelizadora (missão, formação, liturgia e sinodalidade) e da ação social (pastorais sociais, formação sociopolítica e assistência social).

15. O texto das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) faz uma análise da realidade brasileira que pode iluminar a leitura do panorama arquidiocesano. Ao tratar da *Cultura urbana: desafio à missão*, uma das palavras-chave que desponta no texto é *pluralismo*. Existe uma régua que avança, segundo o documento, nos mais diversos rincões: *a cultura urbana*. Essa

tem por característica as mudanças constantes e não muito duradouras, bem como é marcada pelo forte teor de globalização. Uma realidade que não se reduz à cidade em si, mas alcança, também, lugares remotos. E o uso dos avanços tecnológicos, especialmente da comunicação, resulta em novas mentalidades e novos comportamentos.

16. A Arquidiocese de Montes Claros se apresenta como uma realidade não muito divergente da análise realizada pelas DGAE (2019-2023): plural, diversa e em constante mutação. O grande centro urbano presente em seu território é a cidade de Montes Claros, sede do arcebispado. Todavia, vale acentuar que, nas cidades menores e no contexto rural, os principais traços da cultura urbana se fazem presentes. Outro ponto a ser ressaltado é a condição de pobreza em que muitas famílias se encontram, ainda hoje. Nesse sentido, o Planejamento Diocesano de Pastoral (1981-1983), profeticamente, já afirmava que *a periferia das cidades necessita de especial atenção pastoral, porque aí mora o fruto de nossas injustiças* (PDP, p.13).

17. É importante ter presente que, poucos meses após a abertura e início dos trabalhos da IV Assembleia, irrompeu de forma inesperada a pandemia da Covid-19 e instaurou-se severa crise de contornos mundiais, exigindo de todos maior flexibilidade e adaptações ao longo do caminho. Essa realidade nos colocou diante da fragilidade humana e tornou



evidente nossas falsas seguranças e nossas vulnerabilidades.

18. O grave momento trouxe dor e luto. Inúmeras pessoas perderam suas vidas, o que inclui familiares, amigos e conhecidos. Choramos nossos entes queridos como Jesus chorou a morte de seu amigo Lázaro, na esperança confiante da ressurreição (cf. Jo 11,35-44). A pandemia contribuiu para o aumento da pobreza e da vulnerabilidade dos mais frágeis da sociedade. Lado outro, tem nos feito refletir sobre as consequências da ação gananciosa e danosa do ser humano à nossa Casa Comum, causadora de gravíssimos danos ambientais em vista de um desenvolvimento econômico acima de qualquer coisa. Além disso, as novas formas de colonização cultural têm desfigurado o sentido de palavras como democracia, justiça, liberdade e unidade, dissolvendo a consciência histórica, o pensamento crítico e o empenho pela justiça (FT, n.14). A realidade de nosso campo de missão exige um olhar atencioso, tomado de afeto aos moldes do olhar de Jesus Cristo.

19. A pandemia ainda trouxe outras realidades. Ela, nos momentos mais críticos, restringiu até mesmo a presença de fiéis nas celebrações eucarísticas, o que ainda ocorre em menor proporção. Foi necessário incentivar os fiéis a assistir as celebrações transmitidas pelas TVs e redes sociais. A revitalização da “igreja doméstica” se fez e se faz urgente. Demo-nos conta do quanto estávamos afastados dessa

experiência identitária da igreja primitiva.

20. Nesse tempo, todo fiel foi convidado a fortalecer a Igreja doméstica em suas casas, e percebê-la e fortalecê-la como lugar de caridade, de encontro de outras famílias, de desenvolvimento do sentimento de pertença à comunidade eclesial e da necessidade da missão. De sorte que inspirou e inspira-nos a promessa de Jesus de estar em nosso meio, em todos os tempos e em todos os lugares, onde em seu nome se reunirem as pessoas: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20).

21. Inquieta-nos os dados obtidos nos Questionários Estatísticos Anuais dos últimos anos, que revelaram um reduzido número de celebrações do Matrimônio em muitas paróquias. Contrasta com isso o alto número de batizados, o que pode indicar um crescente número de casais em situação canônica irregular. Isso acentua a grave necessidade de um cuidado atento dos pastores, da Pastoral Familiar, da Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã e da Pastoral Vocacional. *É preciso ajudar os jovens a descobrir o valor e a riqueza do matrimônio. Devem poder captar o fascínio duma união plena que eleva e aperfeiçoa a dimensão social da vida, confere à sexualidade o seu sentido maior, ao mesmo tempo que promove o bem dos filhos e lhes proporciona o melhor contexto para o seu amadurecimento e educação* (AL, n. 205).

22. Ao longo da história da Arquidiocese viu-se a



organização de diversos serviços de misericórdia. A história da Igreja, também em nossa Arquidiocese, se confunde com a história da misericórdia, da compaixão para com os pobres, os doentes, os órfãos, os abandonados, os idosos e os prisioneiros. Em nossos dias, a Arquidiocese tem contribuído para a formação humana e social, mediante o Secretariado para a Formação Sociopolítica. Ainda hoje as manifestações caritativas e trabalhos de promoção social podem ser vistos como frutos de uma resposta consciente da fé. A face da Igreja como *Mãe dos Sofredores* está em diversas áreas: saúde, ensino, creches, asilos, orfanatos, fazendas de recuperação de dependentes químicos, assistência às pessoas em situação de rua, pessoas privadas de liberdade, entre outras.

23. Os resultados da pesquisa aberta à sociedade civil destacaram quatro desafios: as juventudes, os idosos, o diálogo inter-religioso e o diálogo com a sociedade civil. A presença da juventude sempre remete à sua força de renovação e de mudanças. Em sentido contrário, a ausência de jovens favorece a manutenção do panorama pastoral. A energia que possuem pode ser canalizada no impulso necessário para a tão sonhada conversão pastoral. Quanto aos idosos, corre-se o risco de, involuntariamente ou não, nos colocarmos na marcha vigente da cultura do descartável. *Vivemos um tempo em que tudo tende a ser feito para ser consumido, esgotado e, conseqüentemente, substituído* (DGAE 2019-2023, n.51). Embora ambos os grupos, juventudes e

idosos, estejam presentes em nossas celebrações, pastorais e movimentos, o alcance da evangelização ainda é insuficiente. Por outro lado, o pluralismo religioso é reconhecido, assim como a ausência do diálogo da Igreja com outras religiões em nossa região. Indicou-se, ainda, a necessidade do diálogo efetivo com a sociedade civil.

24. O ecumenismo e o diálogo inter-religioso são preciosas indicações do Vaticano II, retomadas pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Fratelli Tutti*, colocando-nos na lógica da comunhão universal, que nos impulsiona a ir além dos próprios limites (cf. FT, n.95-96). Na pesquisa aberta à sociedade civil, os dados referentes à religião daqueles que responderam o questionário atestam algo sobre a nossa capacidade de dialogar com aqueles que se encontram fora de nosso meio eclesial. Os números apresentam uma quantidade inexpressiva de pessoas de outras religiões e de outras igrejas cristãs que responderam aos questionários dentro da cidade de Montes Claros. Nas foranias do interior não se conseguiu resposta alguma de pessoas não católicas. Isso faz pensar numa lacuna de contatos e diálogos de nossa parte com esses grupos e irmãos. Preocupa-nos essa omissão da prática ecumênica e do diálogo inter-religioso na ação evangelizadora da Arquidiocese. Esse quadro aponta para uma atenta atuação ecumênica. Contudo, não se pode deixar de trazer à memória que o diálogo exige disposição de ambas as partes, uma vez

que não se faz diálogo unilateralmente.

25. Certamente, costura tais desafios o aprimoramento da comunicação frente à realidade plural, diversa e em constante mutação que nos é apresentada, bem como uma melhor aproximação entre povo e Sagrada Escritura. Os relatórios, frutos das diversas assembleias, apontaram para uma grande carência formativa de nosso povo, especialmente no que tange à Sagrada Escritura. Vários foram os pedidos para o retorno dos chamados círculos bíblicos. Percebe-se que a comunicação ainda necessita ser sistematicamente trabalhada no nosso contexto diocesano, pensando naqueles grupos mencionados como desafios.

26. Outro aspecto que nos interpela é a sensibilidade e transparência na administração do dízimo e outros recursos. *A consciência de ser Igreja leva os fiéis a assumirem a vida comunitária, participando ativamente de suas atividades e colaborando para que a comunidade viva cada vez mais plenamente a fé e mais fielmente a testemunhe. Desse modo, cada fiel toma parte no empenho de todos e se abre para as necessidades de toda a Igreja* (Doc. 106, n.30). No que diz respeito aos administradores, o Direito Canônico determina que eles têm a obrigação de desempenhar as suas funções com a diligência de um bom pai de família (CIC, cân.1284, § 1). Como pais de família, os administradores devem prover o alimento (Pão), a educação (Palavra), a prática do amor (Caridade) e abertura



que lhe são próprios (Missão). Assim, é urgente a atualização das diretrizes administrativas, para que os recursos sejam aplicados com total retidão e transparência. Nesse sentido, carece, por exemplo, a prática da dimensão eclesial do dízimo, na qual a formação dos leigos deve ser assumida, também, pela comunidade de fé.

27. O Evangelho, Palavra Viva do Senhor, não muda. Também as verdades da fé não mudam, mas sua compreensão se desenvolve. Cientes de que o contexto em que vivemos sofre rápidas transformações que afetam nossas vidas, há necessidade de revisão dos métodos, dos meios e dos objetivos do processo de evangelização. Uma Assembleia Arquidiocesana de Pastoral é fundamental para avaliar nossa maneira de evangelizar no contexto de nossa Arquidiocese. A importância de uma Assembleia é tamanha que nos envolve a todos: Leigos e Leigas, Seminaristas, Religiosos e Religiosas, Diáconos, Presbíteros e Arcebispos. É a experiência de um grande mutirão, onde todos devem ser ouvidos, manifestando suas opiniões.

## PARTE II

# COM A LUZ DE TUA PALAVRA



*Ilumina com a luz de tua Palavra os caminhos da IV  
Assembleia Arquidiocesana de Pastoral*

28. A Igreja peregrina pelos caminhos da história, a exemplo do Cristo, que se fez carne de nossa carne, também se coloca a caminho, tocando por inteiro a vida humana. Não podemos nos esquecer que Ele permanece em nosso meio, Igreja caminhante, nos dando o sustento necessário, através da Palavra, da Eucaristia e dos irmãos e irmãs. Dessa forma, cumpre-se o que Ele nos prometeu: *onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles* (Mt 18,20). Diante dos desafios, sua força nos impulsiona e dirige. *A luz do Senhor se manifesta também nos esforços por compreender o mundo* (DGAE 2019-2023, n.68). Seguimos, peregrinos, com o tesouro de nossa história, respondendo aos desafios do tempo presente, e com os olhos no horizonte da concretização do Reino de Deus.

29. Como Arquidiocese de Montes Claros, compreendemos o perigo de nos tornarmos caducos em nossas estruturas. Nesse sentido é que assumimos, com o Papa Francisco, a caminhada de renovação da Igreja, buscando superar a autorreferencialidade e retornar ao

*primeiro amor*, àquele Deus que faz *novas todas as coisas* (cf. Ap 21,5). Queremos a revitalização de nossa Igreja Arquidiocesana, compreendendo que a jovialidade da Igreja está no estado de um coração que se renova no ardor missionário e está sempre atenta às necessidades proféticas de cada tempo (ChV, n.35-42).

30. Procurando responder aos desafios atuais da ação evangelizadora em nossa Arquidiocese, reconhecemos que não podemos perder a *consciência histórica* (FT, n.13) e que é preciso fazer memória da caminhada, pois *sem memória nunca se avança, não se evolui sem uma memória íntegra e luminosa* (FT, n.249). Ela contribui para que sintamos a graça e a bondade de Deus Pai que nos cerca de carinho e proteção (cf. Sl 124), e favorece para que, atentos aos novos sinais dos tempos, possamos ter a ousada coragem de discernir e corresponder aos apelos do Espírito. É necessário iluminar o nosso discipulado missionário com a Palavra de Deus, nos colocar num processo de conversão pessoal e comunitária, que nos leve a uma vida de maior comunhão e unidade, para dar respostas eficazes como Igreja peregrina que é, *por sua natureza, missionária* (AG, n. 2).

31. Na origem das dificuldades e fragmentações do nosso agir missionário, muitas vezes encontra-se o medo: de errar, de arriscar, de abrir mão do poder que corrói as estruturas eclesiais, o medo de não estar suficientemente



preparado para o Anúncio do Evangelho. Somente mantendo os olhos fixos em Jesus (cf. Hb 12,2) é que aprendemos a perdoar, para podermos conhecê-lo, amá-lo, segui-lo, servi-lo e anunciá-lo fielmente. O princípio indispensável para avançarmos e para assumirmos de forma mais intensa a ação evangelizadora é recordarmos o mandato de Jesus: *Não tenhais medo, Ide! Estarei convosco até o fim do mundo!* (Mt 28,1.20). Trata-se de compreender que é preciso ousar, estar continuamente em contato com a Palavra de Deus, pois a Palavra é a fonte da vida, e essa vida traz a luz para todas as pessoas (cf. Jo 1,4).

*Dá-nos a graça de viver em comunidades eclesiais missionárias a serviço do Evangelho da vida e do Reino de teu Pai*

32. Ensina-nos o Concílio Vaticano II que é vontade de Deus que fôssemos reunidos como um povo, tornando sacramento a nossa unidade como Igreja (LG, n.9). Nossa união como povo de Deus não nos torna um grupo isolado de todo o resto, alheios ao mundo que nos cerca. Somos como o fermento na massa (cf. Lc 13,21), impulsionando a conversão das estruturas. Cada pequena comunidade integra este povo de Deus, sendo manifestação viva e atuante da Igreja que se sustenta pelos pilares da Palavra, do Pão, da



Caridade e da Missão, chamada a frutificar em seu tempo, segundo sua realidade. Não podem ser compreendidos de maneira isolada, pois encontram seu sentido na unidade do corpo eclesial.

33. Atenta ao mandato missionário de Jesus (cf. Mt 28,1) a Igreja não mede esforços para anunciar a todos a Boa Nova de Cristo e ser para eles uma palavra de alento e vida plena. O amor pelo Evangelho a leva ser solidária com os pobres e feridos, vendo neles a própria presença do Senhor. Essa Igreja missionária, em que todos os batizados se veem corresponsáveis na missão evangelizadora, vive, de fato, em estado permanente de missão, atenta aos sinais e clamores dos irmãos e irmãs, como bons samaritanos, capazes de interromper sua viagem e afazeres para cuidar dos que estão à margem do caminho. Essa mesma Igreja, marcada pela diaconia, serve de forma despojada, ágil, leve e criativa.

34. Como Jesus Cristo que passou fazendo o bem (cf. At 10, 38), a acolhida fraterna e firme defesa da vida de toda Criação, bem como denúncia e o enfrentamento das injustiças, são o admirável testemunho profético dos autênticos discípulos missionários. Esses, a exemplo do Mestre e a serviço do Evangelho da Vida, aprenderam a crer no amor como Ele acreditava, a comunicar a vida como Ele comunicava, a servir como Ele servia (DAP, n.353), pois diante do Criador cada um é imensamente sagrado e merece

nosso afeto e nossa dedicação (FT, n.195). A proclamação declarando felizes os indigentes e os famintos (cf. Lc 6,20-21) não nos pode deixar insensíveis à dor do pobre. Assim sendo, o discípulo missionário anuncia com paixão o Reino de Deus, pleno de vida e justiça para todos, narra a compaixão e ternura pelo ser humano, expressando o rosto misericordioso do Pai.

35. Os cristãos primitivos se reuniam nas casas. *A casa-comunidade era o lugar do reconhecimento mútuo e, nela, seus habitantes deveriam superar as distâncias e passar da simpatia ao encontro* (DGAE 2019-2023, n.76). Esse exemplo nos mostra a comunidade como lugar de expansão dos horizontes. Na casa se encontravam, criavam laços familiares e superavam as dificuldades, se reconciliavam e partiam o pão (cf. At 2,42). É o lugar onde o anonimato e a solidão são vencidos, pois a partilha de vida em comunidade permite a acolhida, o conhecimento e o auxílio recíprocos. A comunidade, dessa forma, se compõe de pessoas dotadas de histórias e personalidades próprias, cujas diferenças somam o tesouro da vida em comum. *Pessoas que se reúnem, movidas pela fé em Jesus, para a escuta da Palavra, buscando luzes para viver a fé cristã em uma sociedade de contrastes* (DGAE 2019-2023, n. 84).

36. O fato de estarem *em casa* não os reduzia a uma Igreja em *ponto morto*, pois de lá partiam para outras localidades e cidades para anunciarem o Evangelho (cf. At 8,40). Não por acaso, os bispos reunidos em Aparecida (2007)



indicaram que nossas paróquias devem ser *casas de acolhida*, mas também *casas de envio*. Isto porque toda comunidade, por menor que seja, precisa se entender no horizonte maior do Reino de Deus, em que todos devem ser acolhidos, cuidados como em *hospitais de campanha*, e, restituídas as forças, chamados a dar de si, de sua pobreza (DP, n.368), para a edificação do reino da Vida.

37. Para tanto, compreende-se a urgência de pequenas comunidades eclesiais, que se entendam como missionárias, em que se promova o encontro entre irmãos, de pessoas que se conheçam pelo nome. Essas comunidades devem ser sustentadas pelos pilares da Ação Evangelizadora. Entende-se, assim, a comunidade como Casa da Palavra de Deus e da iniciação à vida cristã; Casa do Pão, sustentada pela liturgia e espiritualidade; Casa da Caridade, do acolhimento fraterno e cuidado com as pessoas, especialmente os mais frágeis, excluídos e invisíveis; Casa da Missão, de testemunho de uma vida missionária em uma Igreja misericordiosa.

38. *Não há nada como o sonho para criar o futuro*. Refletir sobre os sonhos nos remete à figura de São José. Como afirma o Papa Francisco na carta *Com o coração de pai* (2020), José é o vocacionado do Pai ao amor doméstico no seio da sua casa. Deus fala com José através dos sonhos (cf. Mt 1,20; 2,13.19.22). Ao ouvir o Senhor, ele se põe a caminho, torna



concreta a vontade de Deus. *Quando acordou, José fez conforme o anjo do Senhor havia mandado* (Mt 1,24a). Seu testemunho nos faz recordar que Deus conta conosco, mesmo em meio às dificuldades da vida, e não devemos temer os caminhos que se vão apresentando ao longo dos tempos.

39. Como São José, ousemos dar o nosso sim ao projeto de Deus neste chão norte-mineiro, como povo de Deus a caminho, e sonhar uma Igreja discípula-missionária, marcada pela vida que brota do Deus Uno e Trino. Essa vitalidade perpassa cada batizado, estimulando-os a construir e a viver em comunidades marcadas pela unidade e comunhão, reconciliadas e capazes de um diálogo aberto e amoroso, em que cada pessoa se sinta escutada e acolhida nas diferenças.

40. No horizonte que se desponta, sonhamos com uma Igreja marcada pelo sentido da unidade, que se nutre e vive da Palavra de Deus e dos Sacramentos, e atenta ao mandato missionário de Cristo (cf. Mt 28,19). Sonhamos, ainda, em suprir todas as necessidades missionárias de nossa Arquidiocese, inclusive que possamos colaborar presencialmente com a missão na Amazônia. Temos expectativas que estas Diretrizes da Ação Evangelizadora que escrevemos juntos no processo da IV Assembleia Arquidiocesana de Pastoral apontem com clareza os caminhos que farão esses sonhos se realizarem.



## PARTE III

# ÁGEIS PARA A MISSÃO



*Torna ágeis nossos pés para a missão e abre nossas mãos para a caridade*

41. O modelo para a ação da Igreja é, e sempre será, a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha do pão, nas orações e na missão (DGAE 2019-2023, n.125). Não por acaso, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) estão estruturadas a partir da Comunidade Eclesial Missionária, apresentada com a imagem da “casa”, construção de Deus (cf. 1Cor 3,9). Criar tais Comunidades “casas de comunhão”, é permitir que a profecia tome forma e torne as nossas horas e nossos dias menos inóspitos, menos indiferentes e anônimos. É tecer laços que se constroem com gestos simples, cotidianos e que todos nós podemos realizar (ChV, n.217).

42. A Comunidade Eclesial Missionária deverá ter suas portas sempre abertas, para acolher os que chegam, com suas alegrias e dores, mas também abertas para sair em missão, anunciando Jesus Cristo e seu Reino, indo ao encontro do outro, especialmente dos pobres e sofredores (DGAE 2019-2023, n.7).

43. Assim como toda casa, a Comunidade Eclesial Missionária é sustentada por pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. Em cada pilar foram reagrupadas as urgências destacadas nas Diretrizes Gerais do quadriênio anterior: Palavra – iniciação à vida cristã e animação bíblica; Pão – Liturgia e espiritualidade; Caridade – serviço à vida plena; Ação Missionária – estado permanente de missão (DGAE 2019-2023, n.8). Tais pilares não podem ser cindidos, encarados em separado. Nem se poderá valorizar um em prejuízo dos demais. A falta de um ou a fragilidade de qualquer deles poderá acarretar no desabamento da casa.

44. Motiva-nos a palavra do Papa Francisco, sobre a necessidade de uma nova etapa evangelizadora. Com ele sonhamos: *Com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG, n.27).*

45. Em comunhão com esse sonho missionário do Papa Francisco, a Igreja no Brasil e a Arquidiocese de Montes



Claros, de modo criativo, encontraram caminhos para dinamizar a ação evangelizadora que já se demonstraram frutuosa, e que devem ser constantemente recordados. São exemplos a Novena de Natal, a Campanha da Fraternidade, a Semana de Oração pela Unidaes dos Cristãos, a Semana da Família, o Mês Vocacional, o Mês da Bíblia, a Semana Arquidiocesana de Conscientização sobre o Dízimo, o Mês Missionário, o Dia do Batismo, a Semana da Vida, o Dia Nacional da Juventude, a Semana do Pobre e o Dia do Leigo. Desse modo, é importante que as Paróquias e Comunidades, priorizando o tempo litúrgico, considerem em suas programações os caminhos acima apontados.

46. “Este é o momento para sonhar grande, para repensar nossas prioridades – o que valorizamos, o que queremos, o que buscamos –, nos comprometermos com as pequenas coisas e para transformar em realidade o que sonhamos. O que ouço neste momento é semelhante ao que Isaías ouviu Deus dizer: *venham e discutiremos. Atrevamo-nos a sonhar*”<sup>5</sup>. Que os nossos sonhos se concretizem.

## • PILAR DA PALAVRA

47. Nessa perspectiva, sonhando com a construção da Comunidade Eclesial Missionária, construção de Deus e

---

<sup>5</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.



nossa, pensemos em como fortalecer os pilares que a sustentarão. O primeiro deles, a Palavra, está intimamente relacionado à iniciação à vida cristã e à animação bíblica.

48. *Os Atos dos Apóstolos relatam que a comunidade cristã se concentrava nas casas como o seu lugar característico de reunião, ajuda mútua e fortalecimento da vivência missionária. Nelas, os cristãos ouviam juntos a Palavra e, por esta iluminados, procuravam discernir a experiência da vida em Deus, conscientes de que a fé provém da escuta (Rm 10,17) (DGAE 2019-2023, n.88). O processo de iniciação à vida cristã supõe um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, proporcionado de forma privilegiada pela celebração da Palavra de Deus e pela leitura orante (VD, n.65) (DGAE 2019-2023, n.88). Iniciação à Vida Cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Uma não pode ocorrer sem a outra (DGAE 2015-2019, n.47).*

49. Por essa razão a Igreja insiste no processo de iniciação à vida cristã, que começa com o anúncio da Palavra e da Pessoa de Jesus Cristo (querigma) e conduz a um encontro pessoal, cada vez mais forte, com Jesus Cristo (DAp, n.290), pois *no início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas um encontro com o acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo (DCE, n.1).*

50. *A iniciação à vida cristã se refere, principalmente, à adesão a Jesus Cristo, não se esgotando na preparação aos*



*sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia. Fundamenta-se na centralidade do querigma, o primeiro anúncio. “Primeiro” significa que “é o principal”, que sempre se tem de voltar a anunciar e a ouvir de diversas maneiras (EG, n.164). Este primeiro anúncio desencadeia um caminho de formação e de amadurecimento (EG, n.160) que é o catecumenato, propriamente dito. Este é um tempo de acompanhamento em vista da iluminação da vida a partir da fé cristã, para se chegar a um estado de maturidade (EG, n.171). Nossas comunidades precisam ser mistagógicas, lugar por excelência da iniciação à vida cristã, preparadas para favorecer que o encontro com Jesus Cristo (DAp, nº 246-257, 278) se faça e se refaça permanentemente (DGAE 2019-2023, n.145).*

### **Prioridades:**

**1)** Priorizar as pequenas comunidades eclesiais missionárias, ao redor da Sagrada Escritura, para reanimar a vivência da Palavra de Deus a partir dos círculos bíblicos, em nível forâneo, paroquial e comunitário; deste modo, incentivar, a partir do Secretariado para a Formação do Laicato, estudos sobre a Palavra de Deus e outras formações específicas, contando com o auxílio dos leigos e leigas, dos seminaristas, dos religiosos e religiosas e dos clérigos. Nessa mesma linha, expandir o Curso de Teologia para Leigos para outras foranias;

2) Incentivar uma vivência sacramental que desperte nas pessoas o amor e o encantamento por Jesus Cristo, a partir da comunidade eclesial missionária. Dar atenção à Iniciação à vida cristã, com ênfase na inspiração catecumenal, com a reformulação das estruturas catequéticas comunitárias, paroquiais e arquidiocesana. Atenção especial também deve ser dada à catequese de preparação aos sacramentos (batismo, crisma, eucaristia e matrimônio), especialmente aos adultos não iniciados e pessoas com deficiência.

**Ações:**

Melhorar a metodologia da catequese, criando nova linguagem, que favoreça o conhecimento sólido da Palavra. Criar Escolas Bíblicas em vista da preparação de círculos bíblicos e elaboração de materiais próprios conforme a nossa realidade.

**• PILAR DO PÃO**

51. O segundo pilar, o pão, está relacionado à liturgia e à espiritualidade. *A comunidade eclesial, como casa que nutre seus filhos, é sustentada pela oração. Na comunidade de fé cultiva-se uma verdadeira vida de oração, enraizada na Palavra de Deus, tendo em Jesus Cristo, o orante por excelência e na Oração do Senhor, o paradigma de toda oração. Pela oração cotidiana, os membros da comunidade se sentem consolados, redescobrem sua*



*dignidade de filhos e filhas de Deus, tomam consciência de que são colaboradores de Deus na missão e são impelidos a saírem ao encontro das pessoas e à prática da misericórdia (DGAE 2019-2023, n.95).*

*52. A Eucaristia e a Palavra são elementos essenciais e insubstituíveis para a vida cristã. Para que a comunidade de fé seja casa aberta para todos, exercendo o acolhimento ativo, a dinâmica da saída como conatural à sua existência, ela precisa se nutrir do essencial, daquele “Pão da vida” (Jo 6,35) que revigora para a caminhada rumo ao Reino definitivo. A liturgia é o coração da comunidade. Ela remete ao Mistério e, a partir deste, ao compromisso fraterno e missionário (DGAE 2019-2023, n.160).*

*53. Em consequência, as comunidades eclesiais que se reúnem em torno da Palavra precisam valorizar o domingo, o Dia do Senhor, como o dia em que a família cristã se encontra com o Cristo. O domingo, para o cristão, é o dia da alegria, do repouso e da solidariedade (CNBB, Doc. 100, n. 276-277). Essa valorização do Dia do Senhor exige ações concretas.*

### **Prioridades:**

**1)** Resgatar a centralidade do domingo como dia do Senhor, através da Missa dominical, oferecendo oportunidade de participar da Celebração da Palavra onde efetivamente não for possível a Celebração Eucarística, de modo que a comunidade não deixe de se reunir para celebrar o dia do

Senhor e os momentos importantes. Vale ressaltar que todas as demais espiritualidades têm na celebração dominical sua fonte e sua manifestação mais elevada. O domingo é o dia da Páscoa semanal da família cristã. Uma espiritualidade distante da dinâmica eucarística dominical não condiz com a vivência cristã;

2) Valorizar os ministérios leigos nas comunidades, com uma formação mais sistematizada para os ministérios da celebração da Palavra de Deus, da distribuição da Sagrada Comunhão Eucarística e Exéquias, incentivando a criação da Pastoral Litúrgica onde ela ainda não esteja constituída; e ampliar as formações litúrgicas, abordando não apenas a celebração da Santa Missa.

**Ações:**

Promover a ministerialidade e o zelo em tudo o que se refere à dimensão celebrativa da fé.

• **PILAR DA CARIDADE**

54. O terceiro pilar, caridade, serviço à vida plena, nos convida a contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pequenos e pobres, doentes e pecadores, perseguidos e marginalizados. *Na fé cristã, a espiritualidade está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar e servir, amar e*



*contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo. Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã (DGAE 2019-2023, n.102).*

55. *As questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada têm que ser enfrentados pelas nossas comunidades e também pelas Igrejas particulares, em nível local, regional e nacional, em postura de serviço, diálogo, respeito à dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão, busca da justiça, do bem comum e do cuidado com o meio ambiente (DGAE 2019-2023, n.104).*

56. Na realidade da Arquidiocese de Montes Claros persiste o panorama já apontado nas diretrizes anteriores. Nelas já ecoava a voz profética da Igreja Montesclarensense ao denunciar um cenário marcado pela concentração da terra nas mãos de poucos, em que a implantação de grandes projetos acarreta o esgotamento dos recursos naturais, a desestruturação da produção familiar e a expropriação de povos e comunidades tradicionais de seus territórios. A destruição do cerrado, caatinga e transição para mata-seca, causada pelo avanço desordenado do agronegócio, contraria o compromisso cristão com o cuidado da Casa Comum. Também os latifúndios para criação do gado, os projetos de irrigação, o monocultivo do eucalipto, as barragens e o avanço da exploração da mineração causam desequilíbrio ambiental e agressão à vida no Norte de Minas, fatores do

aumento dos conflitos agrários e ambientais na região (cf. DAEIMMC 2015-2019, n.12).

57. Papa Francisco, no entanto, nos lembra que o nosso compromisso não pode se limitar a ações e programas assistenciais, num mero ativismo. É preciso verdadeiramente preocupar-se com o outro, numa atenção amiga e desejo de procurar efetivamente o seu bem (cf. EG, n.199). Nesse sentido, é preciso consolidar na organização social e pastoral da Arquidiocese a cultura de uma formação sociopolítica, a fim de possibilitar ao Povo Santo de Deus maior clareza de sua missão transformadora em meio à sociedade e seus conflitos. Assim, dois secretariados dos Vicariatos para Ação Pastoral e para Ação Social são destinados a essa missão, a saber: o Secretariado para a Formação do Laicato e o Secretariado para a Formação Sociopolítica.

### **Prioridades:**

1) Trabalhar por uma melhor formação humana, sociopolítica e doutrinal para as lideranças de pastorais e movimentos na perspectiva de uma formação personalizada que leve ao enfrentamento dos desafios pastorais e missionários, para que possam, de fato, ser discípulos missionários, com olhar atento diante das necessidades de evangelização e de caridade;



2) Por meio do Vicariato para a Ação Social, seja implantada e organizada a Comissão Arquidiocesana de Justiça e Paz, para acompanhar e orientar a ação evangelizadora e profética em suas demandas específicas: acompanhamento dos impactos causados por grandes projetos socioambientais, o cuidado para com a Casa Comum, em sintonia com o magistério do Papa Francisco, com ênfase ao nosso cerrado e à nossa caatinga; intercâmbio entre as Foranias para que, de forma organizada, possam otimizar e fortalecer as ações sociais propostas ou já existentes nas paróquias.

**Ações:**

Interação entre foranias, pastorais e Comissão Arquidiocesana de Justiça e Paz; Criar espaços de diálogo em que se valorize, dentre outras coisas, o cuidado com a Casa Comum; criação de um canal para divulgação de ações sociais arquidiocesanas, forâneas e paroquiais, que atualmente são fragmentadas e muitas vezes desconhecidas.

• **PILAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA**

58. O quarto pilar é a ação missionária. A missão é um *estado permanente* (EG, n.25) da Igreja, de modo que tudo o que ela faz deve estar imbuído dessa intenção missionária (EG, n.34-35). Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, destaca a necessidade de a Igreja estar atenta aos desafios das culturas urbanas (EG, n.71-75). O



episcopado brasileiro, atento às lições do Papa, aprofundou o debate, dedicando especial atenção ao tema nas DGAE 2019-2023.

59. A Igreja no Brasil assume que a cultura urbana é um desafio à missão, e, assim, põe-se atenta às necessidades de uma outra forma de evangelizar, de dialogar, que acesse os corações, as mentes das pessoas que vivem esse momento singular da história.

60. Inicialmente será necessária a disposição para ouvir, verdadeiramente enxergar o outro e suas realidades e necessidades, e, sobretudo, a disposição para o diálogo. Uma postura autossuficiente e autorreferencial de nossa parte certamente não contribuirá para o bom êxito da missão. Se nos encontramos em um panorama em mutação, com grandes pluralidades, também nossas respostas deverão ser dadas à altura, ou nos tornaremos aqueles que falam e não haverá quem queira nos ouvir. Se não há um caminho, vamos fazê-lo caminhando. A imobilidade não poderá prevalecer. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa.

61. *O Papa Francisco apresenta um modelo missionário para os nossos tempos: a iniciativa de procurar as pessoas necessitadas da alegria da fé; o envolvimento com sua vida diária e seus desafios, tocando nelas a carne sofredora de Cristo; o acompanhamento paciente em seu caminho de crescimento na fé; o reconhecimento dos frutos, mesmo que imperfeitos; a alegria e a*

*festa em cada pequena vitória (EG, nº 24) (DGAE 2019-2023, n.186).*

*62. Só podemos nos imaginar comunidade de fé, que segue os passos de Cristo Jesus e busca nele o seu modelo de vida, se vamos ao encontro do outro, no seu lugar concreto, anunciando o próprio Senhor com sua presença amorosa. Uma palavra que seja vida é a mais eloquente ação missionária. É esta presença e este testemunho que o mundo espera das comunidades cristãs. Um desejo de “cheiro de ovelha” deve permear toda missão e preparar o caminho para o anúncio explícito de Jesus Cristo (DGAE 2019-2023, n.188).*

### **Prioridades:**

**1)** Criar, motivar e manter equipes de missionários em nível arquidiocesano, forâneo, paroquial e comunitário para dar assistência em missões, sobretudo nas comunidades rurais, periféricas, ambientais, e nos condomínios. Criação e fortalecimento dos Conselhos Missionários Paroquiais (COMIPA), Infância e Adolescência Missionária (IAM), Juventude Missionária (JM), Famílias Missionárias (FM) e Idosos e Enfermos Missionários (IEM) para auxiliar na articulação missionária e prezar por uma ação missionária simples, objetiva e direta, indo ao encontro da real necessidade dos fiéis;

2) Cuidar, com especial atenção, da Pastoral da Comunicação, por ser importante instrumento de evangelização e interlocutora na paróquia, realidade que deve ser reconhecida e valorizada pelas paróquias e comunidades, com investimentos tanto no que se refere à formação, como equipamentos e tecnologia. Que a Comunhão pastoral seja a prioridade em nossas foranias, cada uma com sua realidade e particularidades, sobretudo no que se refere à prática pastoral e sacramental.

**Ações:**

Realização de um Congresso Missionário Arquidiocesano; Criação do Vicariato para Comunicação; Revisão no modo de comunicação entre a Arquidiocese e as Paróquias, e entre as Paróquias e suas respectivas comunidades; Criação, em cada paróquia, de um canal de contato entre essa e seus fiéis leigos, que conterà informações de reuniões, orientações arquidiocesanas, entre outros, de modo que haja contato direto com leigos e lideranças comunitárias.

## PARTE IV

# COM MARIA, MÃE DA IGREJA



*Com tua Mãe Maria, Mãe da Igreja, inspira-nos palavras proféticas que ajudem a construir em nossas cidades a cultura do encontro, da paz e da fraternidade*

63. A maternidade de Maria possui grande impacto na vida dos fiéis. São muitos os que, como filhos, a ela recorrem no desejo de serem ajudados, ouvidos e acolhidos. Ela está sempre próxima do povo. Ao confiar a então Diocese de Montes Claros aos cuidados de Maria, Mãe da Igreja, como sua padroeira principal, São Paulo VI reafirmou o que o Concílio Vaticano II (LG n.53) acabara de declarar: Maria é verdadeiramente Mãe dos membros do corpo místico de Cristo. Quando renascemos nas águas do Batismo, somos recebidos na comunidade cristã, que também nos acolhe como mãe. Este traço se torna marcante na expressiva imagem de Maria, Mãe da Igreja, presente em nossa Catedral Metropolitana, em cujo manto está representada a unidade da mesma Igreja e a diversidade dos seus filhos, acolhidos sob a sua materna proteção. Deste modo, *Maria, Mãe da Igreja, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão* (DAp, n.268).

64. Com sua vida, Maria consolida os sonhos de Deus. Ela é modelo de disponibilidade (cf. Lc 1,38), aceitando concretizar o plano de salvação. É servidora do Evangelho (cf. Lc 1,39), modelo de Igreja peregrina, samaritana e misericordiosa, que com prontidão coloca-se a caminho para servir aos que estão nas periferias humanas e existenciais. A primazia da escuta da Palavra nos é ensinada também por ela (cf. Lc 2,19; 2,51) como essencial na vida do cristão. Atenta às necessidades de seus filhos, é pedagoga na fé (cf. Jo 2,3.5): Maria está sintonizada com a vida, percebe nossas dificuldades e procura ajudar para que não nos falte o vinho. Aos pés da cruz (cf. Jo 19,27) ela é entregue por Jesus aos seus discípulos, representados por João, como mãe, tornando, assim, manifesta a sua maternidade. Mulher de oração e cheia do Espírito Santo (cf. At 1,13-14), ela colaborou no nascimento da Igreja, numa verdadeira *explosão missionária* (EG n.284). Assim, não é sem razão que o povo reconhece a maternidade de Maria como *senal de esperança segura e de consolação* (LG, n.68).

65. Ao entoar o *Magnificat* (Lc 1,46b-55), Maria recorda-nos a grandeza de Deus. Inspirando-nos palavras proféticas, lembra-nos a necessidade de manter vivas *as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade* (DAP, n. 272). Desse modo, não há como sermos cristãos eximindo-nos destas atitudes próprias do discipulado de Jesus, da



responsabilidade do cuidado com a vida e com a Casa Comum. A evangelização na Arquidiocese de Montes Claros deve estar imbuída da espiritualidade mariana. Devemos acreditar na força do amor que Maria viveu, que nos impele à busca e à prática da justiça e que reconhece sinais da presença de Deus mesmo em meio a situações em que parecemos sozinhos.

66. Constatamos com alegria que Maria continua sendo sinal de maternidade e ternura da Igreja ao povo do nosso extenso território arquidiocesano. Diante da escassez de ministros ordenados e tal qual Maria e os seus discípulos (cf. At 1,14), é a oração (do santo terço, ofícios, rosário, benditos, novenas e procissões) que tem sustentado a fé do nosso povo. Torna-se necessário reconhecer ainda mais a piedade popular como lugar de encontro com Jesus Cristo. Não podemos desvalorizar essa espiritualidade, nem colocá-la como suplente diante da falta de presbíteros. Urge auxiliar para que o povo aprofunde na sua riqueza evangélica, e imitando as virtudes de Maria, possam participar com maior intensidade do mistério celebrado e sejam testemunhas de oração e do serviço.

67. Faz-se necessário, também, propagar e reforçar a devoção a Maria, Mãe da Igreja, em todo o território arquidiocesano. Ela oferece-nos um sentido materno da Igreja nos pastores e nos fiéis, assim como reforça a piedade

mariana. A partir dos movimentos da vida de Maria, encontramos a inspiração para que nós cristãos estejamos em constante atitude missionária e evangelizadora. Encontramos, também, um modelo de fecundidade que, como Igreja, devemos ser. Reforça-a como inspiração, por reconhecê-la como Mãe da Igreja evangelizadora e, que sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização (EG n.284). É indicação para que construamos verdadeiras comunidades eclesiais missionárias a serviço do Evangelho da vida.

68. Como Igreja peregrina, caminhemos na história como sinal e germe do Reino de Deus (cf. LG, n.5; 9; 48). Como servidores do Evangelho da vida, que a meta da nossa missão evangelizadora seja a salvação do homem integral: *destino final ao qual Deus chama todos os homens* (PD<sup>6</sup>, n.15). A esperança que vence a morte e a promessa de que o Senhor está conosco todos os dias (cf. Mt 28,20) sejam importantes forças em nossas comunidades. Que esse novo povo de Deus, a partir de sua atuação nos mais diversos lugares, verdadeiramente sinalize o Reino de Deus, criando condições de vida digna para todos rumo à Pátria trinitária (cf. Fl 3,20).

69. Voltemo-nos ao olhar materno de Maria, Mãe de Deus e da Igreja; peçamos a sua intercessão para que esta

---

<sup>6</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta Placuit Deo aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da salvação cristã*. 2018.



nova etapa de nossa caminhada enquanto Igreja arquidiocesana seja acolhida por todos. Que sua ternura e cuidado materno inspire nossos jovens ao seguimento de seu Filho nas diversas vocações. Que ninguém se exclua da missão de anunciar a alegria do Evangelho. Inspirados por Maria, não tenhamos medo dos desafios presentes. Seja ela sinal de uma igreja em saída: casa da Palavra, do pão, da caridade e da missão. *E que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento de um mundo novo* (EG, n.288).

70.

Senhor Jesus Cristo,

prometeste estar em nosso meio  
quando reunidos em teu nome.

Junto com teu Pai

manda o Santo Espírito sobre tua Igreja.

Ilumina com a luz de tua Palavra

os caminhos da Arquidiocese de Montes Claros.

Dá-nos a graça de viver em comunidades eclesiais  
missionárias

a serviço do Evangelho da vida  
e do Reino de teu Pai.

Concede-nos um coração reconciliado  
para sentar-nos à tua mesa,  
partilhar o Pão da Vida

e testemunhar uma Igreja misericordiosa.

Torna ágeis nossos pés para a missão  
e abre nossas mãos para a caridade.  
Com tua Mãe Maria, Mãe da Igreja,



inspira-nos palavras proféticas  
que ajudem a construir em nossas cidades  
a cultura do encontro, da paz e da fraternidade.

*Assim seja. Amém!*







ARQUIDIOCESE DE  
Montes Claros

[www.arquimoc.com](http://www.arquimoc.com)

    /arquimoc

